



2º LUGAR

BOM PARA A EDUCAÇÃO E O MEIO AMBIENTE

Em Santos, coleta de tampinhas plásticas ajuda a reforçar merenda escolar

Leonardo Vicira de Melo Soares da Fonseca*

Com o projeto Amo Tampinhas, o Rotary Club de Santos-Boqueirão, no litoral paulista, cumpre a missão de criar consciência ambiental e contribuir para o futuro das novas gerações com a coleta de tampinhas de plástico. Doado à Escola Portuguesa de Santos, o material é vendido para reciclagem, colaborando com a alimentação de 120 crianças, muitas delas vindas de regiões periféricas da cidade.

Por meio de coletores instalados em shoppings, hospital, farmácia, ONGs e restaurante, todos os meses são recolhidos em torno de 900 quilos de tampinhas. A iniciativa surgiu com o propósito de mobilizar os associados do clube, que faz parte do distrito 4420. “Queríamos algo que abrangesse todo mundo, independentemente de sua habilidade, expertise, profissão ou mesmo da formação acadêmica. E a gente conseguiu”, conta Marília Alfano Vicira, rotariana responsável pelo projeto, realizado há cinco anos em parceria com a Escola Portuguesa.

Antes disso, em 2019, a ação era desenvolvida somente pelo clube, que vendia o material arrecadado e utilizava o dinheiro para o desenvolvimento de suas iniciativas sociais. Com o início da pandemia de Covid-19, toda a arrecadação passou a ser destinada diretamente à escola, uma instituição educacional sem fins lucrativos.

Segundo Marília Vieira, a divulgação está ajudando a fomentar a conscientização e a adesão da comunidade à iniciativa. “Estamos crescendo quase uma tonelada anualmente. Dá para ver que as pessoas estão se engajando, criando a rotina de guardar tampinhas. Reciclar é um hábito”, ela afirma.

ALUNOS ENVOLVIDOS

Com o apoio da prefeitura de Santos, a Escola Portuguesa atende crianças de três a seis anos de famílias



de baixa renda. Com o projeto Amo Tampinhas, a instituição arrecada cerca de R\$ 900 mensais. Quando chega à escola, o material arrecadado por meio dos coletores é pesado e colocado em um depósito. Quinzenalmente, uma empresa responsável pela compra recolhe as tampinhas, que seguem para a reciclagem. A iniciativa também mobiliza funcionários e alunos que diariamente levam tampinhas à escola.

“Não podemos dar uma atividade para as crianças sem dizer o porquê. Explicamos que o projeto contribui para limpar as ruas, que os bueiros não vão entupir



A rotariana Marília Alfano Vieira (à esquerda), responsável pelo projeto, e Tereza Alves Rodriguez, coordenadora da Escola Portuguesa. Na outra página: para incentivar o Amo Tampinhas, o Rotary Club de Santos-Boqueirão distribui coletores em shoppings e outros lugares movimentados da cidade

mais. A gente explica dessa maneira e elas entendem bem”, diz a coordenadora pedagógica da escola, Tereza Alves Rodriguez. “Também falamos da ajuda [financeira] que virá para a escola. Lembro que [as crianças] começaram a falar entre elas que iria ter carne na escola.”

O projeto tem contribuído para a compra de alimentos, principalmente proteínas. “As crianças se realizam quando podem comer as misturas, pois a maioria delas não costuma ter em casa”, Tereza explica. “Tem criança que come aqui na escola durante a semana e, no final de semana, come no Bom Prato [programa do governo estadual que oferece refeições ao custo de R\$ 1]. Algumas até querem vir para cá no sábado e no domingo.”

Todos os meses, são recolhidos em torno de 900 quilos de tampinhas. Os funcionários e alunos da escola beneficiada também participam da ação

O perigo dos microplásticos

Doutor em saúde coletiva, Marco Antonio Cismeyro Bumba é pesquisador na área de química ambiental e química verde na Universidade Católica de Santos. Ele diz que iniciativas como o Amo Tampinhas são muito importantes para a conscientização ambiental, mostrando que esse material pode ser transformado em brinquedos e outros objetos. Assim, o plástico volta para o processo produtivo.

Especialista na utilização de resíduos para a produção de bioplástico, Marco Bumba explica que o plástico não possui bactérias para se degradar na natureza e que, por conta disso, pode demorar de 100 a 400 anos para se decompor, prejudicando o meio ambiente. O pesquisador alerta que no processo de decomposição o material acaba se dividindo e virando microplástico, cujos pedaços vão parar em oceanos e podem ser ingeridos por animais.

Os microplásticos já foram encontrados em regiões profundas, como a Fossa das Marianas, devido à grande quantidade desse material que o homem utiliza e descarta de forma incorreta. “É muito comum você encontrar baleias, orcas, pássaros marinhos, leões-marinhos e lobos-marinhos com a parte digestiva do estômago totalmente cheia de plástico e sem conseguir se alimentar”, Marco diz. “E isso faz com que eles fiquem desnutridos.”

**Aluno de jornalismo da Universidade Católica de Santos, o autor foi o segundo colocado no Concurso de Reportagens 100 Anos da Revista Rotary Brasil, recebendo um prêmio de R\$ 3.000,00.*